

António Domingues deixa conselho do Haitong Bank

Banca ■ António Domingues cessou funções como membro do conselho de administração do Haitong Bank a 30 de setembro de 2026. O mandato terminou em dezembro e já era o terceiro, pelo que perderia o estatuto de independente se fosse reconduzido. O JE apurou que esse foi o motivo da

saída.

António Domingues integrava a administração do banco de investimento (antigo BES Investimento) como administrador não executivo desde janeiro de 2018, após aprovação do Banco de Portugal. Nos últimos anos, presidiu ao Comité de Riscos e integrou o Comité de Corporate Governance da instituição. Atualmente administrador não executivo do UniCredit (desde 2024).

4,5

Ensino superior ■ A Universidade Lusófona vai investir 4,5 milhões para expandir a Faculdade de Medicina Veterinária com o Hospital Pecuário do Catapereiro e o Consultório de Animais de Companhia.

Governo prorroga licenças de Lisboa Porto e Faro

Handling ■ O Governo prorrogou, por um período de até dois anos, a contar de 26 de outubro, as licenças de assistência e escala ("handling") nos aeroportos de Lisboa, Porto e Faro. As licenças para este serviço, que neste momento é assegurado pela Menzies (SPdH), antiga Groundforce, podem, assim, "ser

prorrogadas por período total não superior a dois anos, contados a partir de 26 de outubro de 2026, mediante despacho fundamentado do membro do Governo responsável pela área das infraestruturas, em caso de não conclusão do procedimento de atribuição das novas licenças, de suspensão da respetiva eficácia ou de não conclusão da transição operacional para os novos prestadores em termos que garantam continuidade e segurança.

O caso da lusofonia para o futuro do agronegócio

Parceria ■ No Global Agri Forum, realizado em Lisboa, vários intervenientes defenderam que os países de língua portuguesa podem transformar 260 milhões de pessoas numa rede de investimento e novos negócios.

Teresa Cotrim
tcotrim@medianove.com

Lusofonia pode transformar língua comum em rede de negócios agrícolas. Esta pode tornar-se uma plataforma para ligar terra, capital, tecnologia e mercados agrícolas. Essa foi uma das ideias centrais do Global Agri Forum, realizado esta quinta-feira, 1 de outubro, em Lisboa, pela Vieira de Almeida (VdA), num encontro que juntou responsáveis políticos, empresários e investidores de vários países.

"Comer e beber nunca vai passar de moda", afirmou José Manuel Fernandes, ministro da Agricultura e Mar, colocando a segurança alimentar no centro de uma equação marcada pelo crescimento da população, alterações climáticas e falta de mão de obra.

A resposta passa, defendeu, por mecanização, agricultura de precisão, robótica, culturas mais resistentes e investimento em água e infraestruturas. O ministro apontou ainda para um fundo europeu de 400 mil milhões

de euros para 2028-2034 e para necessidades globais de investimento de vários biliões de euros.

A oportunidade é particularmente visível em Angola. Paulo Fradilha, CEO da Agritech Show Luanda, revelou que o país dispõe de 37 milhões de hectares aráveis, mas apenas 10% a 15% estarão atualmente explorados. Com uma economia ainda dependente do petróleo, Angola procura acelerar a agricultura e atrair capital.

O Brasil é um dos principais parceiros até ao momento, mas também há muitas empresas e muitos fundos de investimen-

to árabes aqui de olhos postos em Angola", diz.

A dimensão do desafio é confirmada por Wanderley Ribeiro, presidente da AAPA - Associação Agropecuária de Angola. Segundo os dados apresentados, o petróleo representa cerca de 95% das exportações angolanas, enquanto a agricultura pesa aproximadamente 25% no PIB. O país importa cerca de 2,3 mil milhões de dólares de produtos alimentares e cerca de 90% da agricultura está nas mãos de pequenos produtores familiares. Apesar disso, apenas 16% do financiamento chega ao setor agrícola.

Ventos de mudança

Michael Nisser, presidente da Phoenix Eagle Group, apontou para uma mudança que já está a acontecer: passar de um modelo baseado na importação para outro assente na produção e transformação local. Entre os exemplos apresentados esteve um projeto de soja com uma produção na ordem das 450 toneladas, além de capacidades de cerca de 700 toneladas de trigo e 600 toneladas de milho, numa



Wanderley Ribeiro, Michael Nisser e Ricardo Santos Ferreira

lógica de maior integração da cadeia agrícola.

É precisamente nesta transição que Assunção Cristas, co-head of practice e partner de Ambiente e Alterações Climáticas da VdA, identifica novas oportunidades. A agricultura terá de produzir mais, mas com menos pressão sobre a terra e os recursos. Carbono, biodiversidade e natureza podem transformar-se em novos ativos económicos, através de créditos de carbono, créditos de biodiversidade e modelos de economia circular. "Isto vai funcionar bem quando os bancos aceitarem estes ativos como colaterais."

Cristas chamou ainda a atenção para a agricultura regenerativa, a redução do desperdício e a necessidade de conhe-

cer melhor a pegada dos alimentos, desde a água e energia utilizadas até às condições de trabalho. A sustentabilidade, defendeu, pode deixar de ser apenas uma exigência e passar a gerar financiamento, investimento e novas receitas.

Um mar de oportunidades

A Lusofonia surge como a ponte entre estas diferentes peças. Para António Corrêa Nunes, membro do advisory board do Global Agri Forum, os países de língua portuguesa representam cerca de 260 milhões de habitantes e o agronegócio será construído através de "relações de confiança."

Raúl Bragança Neto, membro do conselho do fórum, defendeu a mesma ideia: "Falar hoje de agricultura é falar de sobe-



José Manuel Fernandes
Ministro da Agricultura e Mar

Insolvências estabilizam em Portugal

Falências ■ As insolvências empresariais em Portugal praticamente estabilizaram nos primeiros oito meses de 2026. Entre janeiro e agosto foram registados 1.451 processos, menos três do que os 1.454 contabilizados no mesmo período de 2025, o que corresponde a uma descida de 0,2%, segundo os dados da Allianz Trade.

A estabilidade do número global esconde, contudo, diferenças significativas consoante o mês, o setor de atividade, a região ou a dimensão das empresas.

A evolução mensal foi marcada por oscilações. Em janeiro foram registadas 212 insolvências, mais 2,9% do que um ano antes. Em fevereiro, o número caiu 16,3%, para 159 processos, enquanto março e abril registaram aumentos de 22,2% e 21%, respetivamente, para 198 e 196 processos.

60

Imobiliário ■ A Coldwell Banker Portugal vai começar a operação na cidade do Porto, através da transição da equipa da HomeLovers Porto. Já conta com uma carteira de imóveis superior a 60 milhões de euros, nos segmentos médio-alto e alto.

BioNTech encerra três unidades na Alemanha

Farmacêutica ■ A BioNTech vai encerrar três unidades na Alemanha depois de ter falhado a tentativa de encontrar compradores para os ativos, numa decisão que poderá afetar até 1.800 trabalhadores e que reflete o forte ajustamento em curso na indústria das vacinas de mRNA após o colapso da procura

global por vacinas contra a covid-19. A farmacêutica alemã, que ganhou notoriedade durante a pandemia com a vacina desenvolvida em parceria com a Pfizer, tinha anunciado em maio a intenção de abandonar várias instalações de produção na Alemanha, procurando simultaneamente alternativas que incluam a venda parcial ou total dos ativos. No entanto, os esforços de desinvestimento não produziram resultados.

Nova rota agrícola liga Brasil, África e Europa

■ Brasil procura novas fronteiras para o agronegócio. Angola quer transformar terra em produção e Portugal faz a ponte com a Europa.

Teresa Cotrim
cotrim@medianove.com

Entre capital, tecnologia, agricultura tropical e novas cadeias de distribuição está a desenhar-se uma rota agrícola que atravessa três continentes: África, Brasil e Europa. No Global Agri Forum, Wanderley Ribeiro, presidente da Associação Agro-Pecuária de Angola (AAPA), apontou as oportunidades num país que importa cerca de 2,3 mil milhões de dólares (cerca de 2 mil milhões de euros) de alimentos por ano. A agricultura representa cerca de 25% do PIB, mas 95% das exportações continuam dependentes do petróleo.

O financiamento é um dos principais obstáculos. Segundo Wanderley Ribeiro, apenas cerca de 16% do crédito bancário disponibilizado no último ano terá

sido dirigido ao setor produtivo. Destacou o AgriConnect, que pretende mobilizar 1,4 mil milhões de dólares (cerca de 1,2 mil milhões de euros), e um programa de 211 milhões de dólares (cerca de 181 milhões de euros) para o leste do país. O corredor do Lobito é outra peça da estratégia, fundamental pelo investimento que está a permitir no setor.

O Brasil surge como parceiro pela experiência acumulada em agricultura tropical. António Azevedo, CEO do Luxor Group, destacou a transformação do Cerrado através de investigação, tecnologia e capital e vê em Angola e Moçambique novas oportunidades para aplicar esse conhecimento. A indústria angolana começa a criar procura. A Phoenix Eagle Group prepara um investimento para processar cerca de 450 toneladas métricas de soja, depois de ter desenvolvido capacidade para processar trigo e milho.

Ribeiro estima que as exportações alimentares angolanas para Portugal, atualmente de 30 a 40 milhões de dólares (cerca de 26 a 34 milhões de euros), possam duplicar ou triplicar nos próximos cinco anos. Alguns produtores estão já a aumentar as áreas de frutas tropicais.

Portugal pode funcionar como ligação ao mercado europeu, enquanto empresas portuguesas encontram oportunidades em tecnologia, irrigação, logística e financiamento. Angola poderá também tornar-se fornecedora de fertilizantes ao Brasil, com uma futura unidade de ureia estimada em 1,3 milhões de toneladas de capacidade. Só falta aproveitar as oportunidades.



Wanderley Ribeiro
Presidente da Associação Agropecuária de Angola

João Dolores substitui Cláudia Azevedo como CEO do grupo Sonae

O Conselho de Administração da Sonae anunciou a proposta de sucessão na liderança do grupo, com Cláudia Azevedo como próxima presidente do Conselho de Administração e João Dolores como próximo CEO. A proposta conta com o apoio da Efanor, acionista maioritária da Sonae, "e prevê que a mudança se concretize no início do novo mandato, após a eleição do Conselho de Administração pela Assembleia Geral de acionistas de abril de 2027 e a confirmação, pelo novo Conselho, das nomeações agora propostas", refere o grupo norte-nordeste em comunicado.

A proposta "resulta de um processo de planeamento da sucessão iniciado na sequência das decisões de Paulo Azevedo de não se recandidatar ao Conselho de Administração da Sonae e de Cláudia Azevedo de não exercer um terceiro mandato como CEO, por entenderem estarem reunidas as condições necessárias para uma transição e início de um novo ciclo na liderança do Grupo".

João Dolores, que Cláudia Azevedo afirma ter sido "o meu braço direito nos últimos oito anos", afirma, citado em comunicado, que "é uma enorme honra receber a confiança para liderar a Sonae, uma responsabilidade que encaro com profundo compromisso e grande entusiasmo pelo futuro. Cláudia Azevedo iniciou o seu percurso na Sonae como estagiária em 1994 e acumulou experiência na gestão de negócios diversificados. Nos últimos oito anos como CEO, liderou a empresa no seu processo de crescimento e internacionalização.

João Dolores é atualmente CFO. É licenciado em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade do Porto, tem um MBA pela London Business School e formação executiva em gestão na New York University, na Wharton School Booth School of Business e na Harvard Business School. Iniciou a sua carreira na McKinsey & Company, passando pela Portugal Telecom, antes de se juntar à Sonae em 2014. Ao longo da sua carreira exerceu diversas funções de liderança e administração, tendo vasta experiência em finanças corporativas, gestão de investimentos e governo societário. AFS



João Dolores
Novo CEO da Sonae a partir de 2027



Cláudia Azevedo
CEO da Sonae desde 2019

rania, mas também de ligação entre mercados." Portugal já tem uma relação económica relevante com estes mercados.

Entre 2021 e 2025, os negócios associados a memorandos de entendimento celebrados pelo país terão gerado 29 mil milhões de euros em exportações, cerca de 38% do total abrangido por esses instrumentos, segundo os dados apresentados no fórum.

A oportunidade está na capacidade de juntar produtores, investidores, tecnologia, financiamento e conhecimento. A língua comum pode ser o ponto de partida para essa rede – e a agricultura, um dos negócios que tirará partido desta relação. Mais do que uma herança cultural, a língua pode transformar-se numa infraestrutura de negócios.



EDUARDO RIBEIRO